

Parte III - Rio acima, rio abaixo:

A arqueologia da linguagem mitopoética

Luzia Aparecida Oliva dos Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, LAO. *O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 447 p. ISBN 978-85-7983-020-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PARTE III

RIO ACIMA, RIO ABAIXO: A ARQUEOLOGIA DA LINGUAGEM MITOPOÉTICA

Para justificar a presença das obras nesta parte, toma-se de empréstimo a imagem usada por Cavalcanti Proença, da tradição popular, *rio acima/rio abaixo*, presente no título, com o intuito de fazer visível o movimento das águas que se encontraram no desaguadouro do mito. Em meio aos canais que levam e trazem os sedimentos da cultura primitiva, os três textos aqui selecionados têm em comum a escavação do subterrâneo em busca do frescor da linguagem poética, que os sustentam em sua arquitetura, bem como o encontro das raízes, para fazer um Brasil à sua semelhança, descoberto em seu espaço interior, não apenas no litoral e nos centros urbanizados.

Há, contudo, também, entre os autores, uma característica que os aproxima quando se trata de compreender a matéria constitutiva de suas obras: foram viajantes. Cada um, aliado aos seus ideais, palmilhou os horizontes das terras compridas e dos sertões povoados de seres imaginários que foram tecidos à medida que os olhos captavam as imagens dilatadas de um mundo a ser visto e sentido. Das andanças nasceram *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, *Cobra Norato* (1931), de Raul Bopp e *Manuscrito holandês ou A peleja do caboclo Mitavaí com o Monstro Macobeba* (1960), de Manuel Cavalcanti Proença.

A presença das três obras marca-se pela relação intrínseca, verificada na análise, que busca a linha constitutiva da figuração indígena como um aspecto sincronizante, e que confirma, também, outros elementos de informação externa. As características que ressaltam são as mesmas, com pequenas variações no que se estende do mítico e folclórico, matéria mais genérica

e comum entre elas, ao tema diretamente ligado ao aspecto socioeconômico e de desestruturação cultural, mais profundo em *Manuscrito holandês*.

Mesmo com o distanciamento temporal de Cavalcanti Proença em relação aos dois outros autores, é necessário ressaltar que sua narrativa é inserida neste conjunto em razão dos traços paralelos ao projeto do qual *Macunaíma* e *Cobra Norato* emergiram. São obras que traduzem em seu bojo alguns dos mais importantes aspectos da evolução da literatura brasileira rumo à sua expressão autônoma, constante nas letras nacionais desde as primeiras manifestações, mas presente com maior vigor no modernismo, em que os anseios de um momento de vida coletiva fazem eclodir o empenho nacionalista na afirmação dos traços de identidade.

Esse período de consolidação das letras e das artes brasileiras teve como ápice a polêmica Semana de Arte Moderna, para a qual confluíram as vibrações em torno da visão mais real do Brasil. Tornou-se, assim, porta-voz de uma geração de intelectuais com sintomas de exaltação nacional, que determinaria transformações não apenas no âmbito das artes, mas também, nos fatores sociais, econômicos e históricos. Se não modificaram as consciências ainda arraigadas nos padrões arcaicos, fizeram estremecer os pilares de um passado colonial, de cultura transplantada, para assumir o nacionalismo como projeto de emancipação política, cultural e econômica. Assim, manchados os costumes sociais e políticos, segundo Andrade (s. d., p.231), “o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional”, exigindo do escritor uma postura legítima ante o local, quer seja ele nacional, quer seja regional. Que não fosse de caráter programático e de tom passional como no romantismo, mas no sentido antropológico, voltado à expressão interna do povo, com seu universo de mitos, lendas, danças, festas e falares, entrelaçados ao passado histórico, trazidos sob novo olhar, por códigos coerentes com o estado de lucidez exigido pelo movimento.

Todos esses aspectos não poderiam figurar apenas como episódicos, individuais, pois o movimento, ainda segundo Andrade (s. d., p.235-6), “foi uma ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas consequentes, foi uma revolta contra o que era a Inteligência nacional [...], eminentemente destruidor”. Dessa maneira, foi caracterizado como aristocrático “pelo seu caráter de jogo arriscado, pelo seu espírito aventureiro ao extremo [...]”, necessitando, portanto, de um esboço coletivo, no qual estivessem

presentes os três princípios fundamentais apontados por Mário de Andrade: “o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional” (ibidem, p.242).

Se a realidade brasileira deveria ser exponencial nas produções da época, os instrumentos a representá-la deveriam, também, seguir a mesma ordem. Para isso, as inovações passariam necessariamente pelas pesquisas do falar e escrever, uma forma de renovar a linguagem pela representação do estado de consciência que rompia com a mentalidade conservadora a serviço da burguesia e do Estado. Assim, as diretrizes avançaram para o que o país possuía de mais original, sua cultura primitiva, como um princípio basilar de recomeço, para conhecer a origem e, dela, extrair o que lhe é de mais significativo. Esse desejo de conhecimento, que perpassou sociedades distintas, fez o movimento de “voltar atrás”, como forma de “atualizar determinados eventos decisivos da primeira infância”, como propõe Eliade (2006, p.74), ao interpretar a ideia freudiana que ressalta a crença de que é possível reatualizar os eventos primordiais revelados nos mitos. Assim, o mito cosmogônico, perseguido nos ideais modernistas, cumpriria uma de suas funções, a criação poética, pela qual se reviveria o evento da constituição do brasileiro.

Além do aspecto do retorno às origens, é necessário apontar que as obras em questão não são produções isoladas, mas frutos de um conjunto de fatores que abarcam, afora o contexto já mencionado, raízes vinculadas a momentos significativos da história da nação, como o nacionalismo, proposto paralelamente à Independência, que se fez fértil no modernismo.

Têm-se, dentro das plataformas revolucionárias do movimento, *Macunaíma* e *Cobra Norato*, exemplos ligados “por uma inquietação, subjacente à qual se reconhece o intuito programático de redescobrir e incorporar a realidade brasileira à literatura, assumindo a identidade nacional em suas raízes” (Averbuck, 1985, p.33). *Manuscrito holandês ou A peleja do caboclo Mitavaí com o Monstro Macobeba*, publicado bem mais tarde, em 1960, corresponde a essa inquietação desde a questão do “ir à origem”, em busca de um inventário da vida brasileira pelos relatos do mito, da lenda e do folclore, como também, no que diz respeito ao tema da travessia, ponto comum entre as três obras e ancorado no manancial recolhido pelos escritores, conforme atestam suas biografias.

No conjunto, são assinalados os traços comuns, o nacional e o popular redescobertos nas fontes da música e na oralidade típica e espontânea do povo, como em *Macunaíma* e *Cobra Norato*, acrescidos de um tom mais crítico em *Manuscrito holandês*, que, além de incorporar esses elementos à narrativa, evidencia em sua arquitetura o jogo entre as forças, não somente lendárias, tal qual Mitavaí e o Monstro Macobeba, mas ideológicas, políticas e econômicas, impostas pelo capital estrangeiro, na ocupação das terras e na destribalização dos nativos.

Desse modo, *Macunaíma* e *Cobra Norato* são inscritos como textos paradigmáticos da fase heroica do movimento modernista, da geração de 22, que imprimiram em suas linhas o misterioso mundo amazônico, apreendendo a consciência primitiva para outorgar ao mito o poder de redizer a gênese brasileira. O *Manuscrito holandês* circunscreve essa dimensão pelo viés do impacto causado pela intersecção do fabulário nacional, herdado e enriquecido pelo caboclo, que conduz o homem a um estado de encantamento, como se verifica no encontro com o Boi Espácio, dentre outros, em contraste à imagem do inferno, impressa na realidade social opressora que expulsa o mesmo homem de sua condição livre para o engessamento do capital.

Nas análises a seguir, serão tomados como pontos centrais *Macunaíma*, o herói transsubstanciado da cultura taulipangue e Mitavaí, descendente de *Macunaíma*, que faz o movimento do sertão para o litoral em busca de afirmação enquanto indígena. Em sua travessia, a exemplo de seu ancestral, depara com a degradação do meio e a imposição de hábitos contrários à sua cultura, além de ser manipulado pelo poder vigente que o enreda em seus jogos financeiros. Ambas as personagens estampam com maior nitidez a condição indígena e seu arcabouço cultural. Em *Cobra Norato* não se visualiza uma personagem nomeada, portadora de indicadores da cultura indígena. A obra exhibe, no entanto, um complexo mítico herdado dos povos tupi que a torna exemplar na conjugação do fazer poético com o cabedal folclórico amazônico.